O sonho – evento da vigilia*

JOSÉ MARIA ARANTES**

O Autor realizou pesquisa sobre o processo onírico, objetivando discutir a consistência da noção *trivial* de que os sonhos ocorrem no sono. Analisando sonhos do despertar e sonhos que, segundo a ciência normal, são lembrados na vigília, o Autor chega a resultados que considera conclusivos para demonstrar a hipótese, que levantou, de que o sonho é evento da vida desperta.

Em outro artigo (Arantes, 1985), pretendemos demonstrar que, despojado da tese dos correlatos que daria suporte à premissa REM = sonhos, o paradigma[1] passa a ter suas bases conceptuais limitadas à noção de que o sonho ocorre no sono, exatamente como se crê desde a mais remota antigüidade. Questionamos ainda que o paradigma se tem esforçado por harmonizar e absorver inconsistências e contradições que vêm surgindo ao longo da pesquisa. Argüimos que essa obstinação constitui verdadeiro obstáculo epistemológico. O saber sobre os sonhos estagnou-se apesar do gigantesco programa de pesquisa desenvolvido nos últimos 30 anos e nunca foi questionado no núcleo de sua estrutura conceptual – o sonho é evento do sono.

Propomo-nos fazê-lo neste artigo, apresentando o resultado das observações sistemáticas que realizamos em torno do fenômeno onírico. Para tanto, procuramos desembaraçar-nos dos preconceitos que nos impedem de ver além da paliçada do paradigma, adotando postura cartesiana – a de ignorar, tanto quanto possível, as lições da ciência normal sobre os sonhos.

Se neste intento logramos desvelar as aparências que levaram o paradigma aos descaminhos da *doxa*, admitimos ter contribuído para a desejável catarse do saber sobre os sonhos na linha preconizada por Bachelard (1977). Permitimo-nos, ainda, consignar que a pesquisa aqui relatada revestiu características de aventura heurística, pois o resultado a que chegou poderia, aprioristicamente, ser considerado in-

* Artigo apresentado à Redação em 22.11.88.

**Professor (Endereço do autor: Av. Alexandre Ferreira, 291, aptº 202 – 22470 – Lagoa – Rio de Janeiro, RJ.

[1] Neste artigo, o termo "paradigma" é usado para significar, abreviadamente, segundo as linhas conceptuais desenvolvidas por Thomas Kuhn (1962), o conjunto de idéias, noções, conceitos, e até mesmo crenças, que a ciência, em associação com o saber popular, tem tecido em torno do sonho.

concebível: o sonho não é fenômeno do sono, como parece, mas evento da vigília consciente, como espera demonstrar.

Com propósitos exclusivamente de pesquisa, distribuímos os sonhos em quatro grupos:

a) sonhos do despertar (estimulação exógena);
b) sonhos evocados na vigília (estimulação exógena);
c) sonhos do despertar (estimulação endógena); e
d) sonhos evocados na vigília (estimulação endógena).

Neste primeiro grupo serão analisados sonhos do despertar, causados por estímulos externos (exógenos). Nestes sonhos, a pessoa acorda fundindo a estimulação sensorial com a trama onírica, em verdade com sua cena final. São genericamente chamados sonhos do despertador e constituíram modelo de pesquisa de F.W. Hildebrandt no século passado. Pode-se incluir neste grupo o famoso sonho de Maury guilhotinado com o qual iniciamos aqui nossa análise. Seu relato foi feito pelo próprio Alfred Maury em seu livro *Le sommeil et les rêves*. A transcrição completa é de Delage (1919).

Nº 1 – Sonho de Maury:

"Je'étais un peu indisposé, et me trouvais couché dans ma chambre, ayant ma mère à mon chevet. Je rêve de la Terreur; j'assiste à des scènes de massacre, je comparais devant le Tribunal Revolutionnaire, je vois Robespierre, Marat, Fouquier-Tinville, toutes les plus vilaines figures de cette époque terrible; je discute avec eux; enfin après bien des événements que je ne me rappelle qu'imparfaitement, je suis jugé, condamné à mort, conduit en charrette, au milieu d'un concours immense, sur la place de la Révolution; je monte sur l'échafaud; l'executeur me lie sur la planche fatale, la fait basculer, le couperet tombe; je sens ma tête se séparer de mon tronc, je m'éveille en proie à la plus vive angoisse, et je me sens sur le cou la flèche de mon lit qui s'était subitement détachée, et était tombée sur mes vertèbres cervicales, à la façon du couteau d'une guillotine (...)". ("Um pouco indisposto, estive eu deitado em meu quarto, tendo minha mãe à cabeceira. Sonho com o terror; assisto a cenas de massacre, compareço diante do Tribunal Revolucionário, vejo Robespierre, Marat, Fouquier-Tinville, todas as mais vis figuras dessa época terrível; discuto com eles; depois, enfim, de muitos acontecimentos dos quais só me lembro imperfeitamente, sou julgado, condenado à morte, conduzido em carroça no meio de turba imensa à praça da Revolução: subo ao cadafalso; o carrasco me amarra ao cepo fatal, move-o, o cutelo cai: sinto minha cabeça separar-se do corpo, acordo presa da mais viva angústia, e sinto sobre o pescoço a flecha de meu leito que subitamente se tinha soltado e caíra sobre minhas vértebras cervicais à maneira da lâmina de uma guilhotina.")

O sonho do *feuerjo* foi arrolado por Freud (1972) e é assim descrito por Volkelt:

Nº 2 – Sonho do *feuerjo*

"Um compositor, certa feita, sonhou que estava dando aula e tentando esclarecer certo ponto a seus alunos. Quando acabou de fazê-lo, voltou-se para um dos meninos e perguntou-lhe se havia compreendido. Este respondeu-lhe aos gritos, como um possesso: 'Oh já! Oh Sim!' Encolerizado, começou a reprovar o menino por estar gritando, mas toda a classe irrompeu em gritos, primeiro de 'orja!', depois de 'eurjo!' e finalmente de 'feuerjo!' Neste ponto, foi despertado por gritos reais de *feuerjo!* (grito de alarma de incêndio na rua)."

É ainda Freud (1972) quem relata três sonhos com despertadores de Hildebrandt; ao fazê-lo, reproduz textualmente a observação daquele pesquisador de que centenas de vezes o ruído do despertador se "ajustava" à seqüência de seus sonhos.

Nº 3 – Sonho do sino:
"Sonhei, então, que, numa certa manhã de primavera, saía para um passeio e caminhava pelos campos verdejantes, até que cheguei a uma aldeia vizinha, onde vi os aldeões nas suas melhores roupas, com livros de hinos debaixo do braço, afluindo para a igreja. Naturalmente! Era domingo, e o serviço religioso cedo pela manhã logo estaria começando. Resolvi assisti-lo, mas primeiro, como estava sentindo calor devido à caminhada, dirigi-me ao pátio que circundava a igreja, a fim de refrescar-me. Enquanto lia algumas das inscrições nas pedras tumulares, ouvi o sineiro subindo para a torre da igreja e no alto dela, via eu agora o sino do vilarejo que logo daria o sinal para o começo das devoções. Por um bom período de tempo, lá ficou ele imóvel, e, então, começou a movimentar-se, e, de repente, seu repicar soou nítida e penetrantemente – tão nítida e penetrantemente que pôs um termo ao meu sono. Mas o que tocava era o meu despertador."

Nº 4 – Sonho dos guizos de trenó:
"Fazia um dia claro de inverno e as ruas estavam cobertas de uma espessa camada de neve. Concordara em participar de um grupo para um passeio de trenó, mas tive que esperar muito tempo para saber que o trenó se encontrava à porta. Seguiram-se então os preparativos para entrar – o tapete de pêlo aberto, o agasalho pronto para os pés – e finalmente ocupei o meu lugar. Mas até mesmo o momento da partida foi retardado, até que um puxão nas rédeas deu aos cavalos, que esperavam, o sinal de partida. Partimos então, e, com uma violenta sacudidela, os pequenos guizos do trenó começaram a produzir sua música familiar – com tal violência, de fato, que, num momento, a teia de aranha do meu sonho se evanesceu. E, mais uma vez, era apenas o soar agudo do despertador."

Nº 5 – Sonho da louça espatifada:
"Via uma empregada doméstica, com várias dúzias de pratos empilhados uns sobre os outros, andando pelo corredor que dava para a sala de jantar. A pilha de louça em seus braços me pareceu estar prestes a perder o equilíbrio. 'Cuidado', exclamei eu, 'senão você vai deixar cair tudo'. Seguiu-se devidamente a inevitável resposta: ela estava acostumada àquela espécie de tarefa, e assim por diante. E, entrementes, meu olhar ansioso seguia a figura que avançava. Então – justamente como eu esperava – ela tropeçou na soleira e a frágil louça escapuliu e, numa verdadeira sinfonia de ruídos, espatifou-se em mil pedaços no chão. Mas, o barulho prosseguiu sem cessar, e logo não pareceu mais o ruído característico do espatifar de louça, transformando-se no som de uma campanhia – e este som, como o meu eu desperto agora percebia, era apenas o despertador desempenhando sua tarefa."

Os sonhos a seguir relatados foram extraídos de nosso arquivo.

Nº 6 – Sonho do lobo:
"Sonhei que estava sendo perseguido por um lobo feroz. Fazia esforços desesperados em louca correria. Ao escalar um muro que poderia salvar-me, o lobo conseguiu alcançar-me cravando as presas afiadas em meu calcanhar. Despertei: meu pai tentava acomodar-me na cama segurando-me o calcanhar delicadamente."

Nº 7 – Sonho das metralhadoras:
"Em sonho encontrava-me na fila de um banco, aguardando o momento de ser atendido no guichê, quando surgiram vários assaltantes armados de metralhadoras e atirando para todos os lados. Atordoado, busquei proteger-me atrás de um balcão mas o tiroteio cada vez mais me aterrorizava. Despertei. O despertador me comunicava que eram sete horas."

Preliminarmente, deve ser reconhecido que não foi o sonho de Maury com a Revolução Francesa e sua execução na guilhotina que provocou o seu despertar. Não foi o sonho do compositor a quem os alunos vociferavam os gritos de *feuerjo* que o fez despertar. Também não se pode admitir que nos sonhos os guizos do trenó, o badalar dos sinos, o estrépito da louça espatifada, o pipocar dos tiros de metralhadora ou a dentada do lobo tenham sido a causa do despertar dos que dormiam.

Temos de aceitar, como *fatos*, que, em todos esses casos, foi a *estimulação externa* que provocou o despertar: no sonho de Maury, a queda da trave em seu pescoço; no do compositor, os gritos dos populares; nos de Hildebrandt insofismavelmente foi o despertador que, de resto, tinha exatamente a missão de despertá-lo àquele momento: no sonho do lobo foi o toque no calcanhar, e, no dos assaltantes, o tilintar do despertador.

Por outro lado, é gritantemente ilógico e absurdo admitir:

a) que o sonho de Maury se tivesse desenvolvido *antes* da queda da trave, de tal maneira que coincidissem os dois eventos: no sonho, a descida da lâmina da guilhotina; na realidade, a queda da trave do leito;
b) que, da mesma maneira, os lances da trama do sonho do compositor se tivessem verificado *antes* do grito de *feuerjo* na rua, para terem seu desfecho concomitantemente com aquele evento real.

Crer que nesses sonhos a estimulação – queda da trave, gritos na rua, etc. – tenha ocorrido simultaneamente aos eventos da trama onírica será tão pueril quanto admitir que o carrasco, o lobo e os assaltantes, nos sonhos, aguardassem premonitoriamente a ocorrência da estimulação sensorial, isto é, a queda da trave, o toque no calcanhar e o ruído do despertador, para então perpetrarem seus intuitos malignos: o carrasco fazer cair o cutelo, o lobo morder o calcanhar de sua vítima e os assaltantes metralharem os clientes do banco.

O que se afigura plausível admitir é que em todos esses exemplos a estimulação foi a causa tanto do despertar quanto do sonho ou, em outras palavras, do despertar com o sonho. Daí poder postular-se que os sonhos não ocorreram nem antes da estimulação nem cronometricamente ao mesmo tempo.

Dessa análise dos fatos, perfila-se com nitidez a hipótese de que tais sonhos irromperam de inopino à consciência e não preexistiram à sua eclosão. A hipótese implicaria:

a) o *sonho* tem a sua extrusão à consciência causada pela estimulação – queda da trave, grito na rua, etc.
b) a *trama* do sonho, isto é, o seu conteúdo em forma de imagens, lances e peripécias tem o seu *fim*, inequivocamente, na cena da guilhotina, na gritaria dos alunos, etc.

Introduz-se aqui a distinção fundamental entre o sonho e sua trama. A trama, tecida de lances e peripécias, desenvolve-se no *tempo subjetivo* enquanto o sonho irrompe bruscamente às clareiras da consciência. Os elementos constitutivos da trama pertencem ao acervo engramático de quem sonhou mas a sua organização opera-se *à l'occasion*. O sonho será uma estrutura que se exprime como uma *gestalt* e não preexiste à sua eclosão.

Leva-nos, assim, a análise desses sonhos – sonhos do depertar, causados, sonhos e despertar, por estimulação exógena – à conclusão de que não ocorreram no sono mas na vigília consciente. A premissa nuclear do paradigma – os sonhos ocorrem durante o sono – tem aqui contestação frontal.

Antes de encerrar este tópico, vamos deter-nos na análise do sonho pitoresco da governanta francesa. Trata-de de desenhos, com intenções humorísticas que, encontrados por Ferenczi num jornal húngaro, foram reproduzidos por Freud (1972). Os oito quadrinhos representam o sonho da governanta: no primeiro o garoto lhe pede ajuda para satisfazer sua necessidade de urinar; no segundo a governanta leva-o a um canto da calçada onde o menino começa a urinar. Nos quadrinhos que se seguem, o garoto continua urinando e vai inundando a rua formando uma poça, depois de um rio, após um mar onde passam a navegar, em seqüência, um pequeno barco, uma gôndola, um veleiro e, por fim, um transatlântico. A governanta desperta aflita: o bebê chora convulsamente, reclamando a sua assistência.

Freud entende que, ao ouvir os gritos da criança, a governanta teve um *sonho de conveniência,* protelando por alguns segundos ou minutos seu despertar para satisfazer o desejo de dormir. Adotada a hipótese formulada aqui, este sonho seria explicado assim: ao despertar com os gritos da criança, a governanta sonhou exatamente como sonhou Maury, como sonhou o compositor, e como sonhava Hildebrandt (sonhos nºs 1 a 5). Não haverá razões plausíveis para distinguir os gritos do bebê dos gritos dos estudantes, do ruído dos despertadores e da queda da trave na nuca de Maury.

Com base nas conclusões a que chegamos na análise de sonhos do tipo Maury guilhotinado e assemelhados, isto é, sonhos do despertar causados por estímulos externos, formulamos hipótese de trabalho de que tais sonhos realmente ocorrem não no sono mas na vigília consciente e não *preexistiram* à sua extrusão na consciência. Prosseguindo em sua trilha heurística, este artigo vai testar a validade da hipótese, examinando fatos observáveis em sonhos de outros tipos. Vai fazê-lo com sonhos que, segundo o paradigma, são recordados[2] em situação de vigília, mercê de estímulo externo. Registre-se, *en passant,* que, a rigor, seria redundante explicitar que sonhos se *evocam* na vigília, pois o paradigma doutrina, aliás como noção trivial, que os sonhos ocorrem no sono e são *lembrados,* quando o são, na vida desperta.

À semelhança do que se fez no tópico anterior, respigamos alguns exemplos clássicos de autores renomados permitindo-nos trazer também a exame sonhos de nosso arquivo pessoal.

O primeiro será um dos sonhos arrolados por Mark Kanzer (1959).

Nº 8 – Sonho das calças rasgadas:
"A dream came back to F. just as he was receiving from a tailor a suit that had been given him to mend because of a hole in the seams at the seat of the pants. In the dream he was bending down to pick something up and suddenly realized to his embarrassment that the hole would be visible to 'anyone in back of him'." ("Um sonho foi evocado por F. no momento exato em que estava recebendo de um alfaiate um terno que lhe havia enviado para consertar por causa de um buraco na costura dos fundilhos da calça. No sonho, estava curvando-se para apanhar qualquer coisa no chão quando se deu conta, para seu embaraço de que o buraco poderia ser visto por qualquer pessoa atrás dele.")

[2] As expressões *evocou, evocado, evocação, recordado, recordação, lembrou, lembrança* serão grifadas como ressalva de que estão sendo usadas com o sentido que lhes dá o paradigma.

Muito importante para o desenvolvimento da análise que se vai fazer é o fato de que, neste sonho, como nos demais exemplos, são descritas as circunstâncias em que foi *evocado*, como entende o paradigma. Ao relatá-lo, Kanzer indica que seu paciente *se lembrou* do sonho coincidentemente no momento em que o alfaiate lhe entregava as calças mandadas consertar. Ao contrário da pesquisa de laboratório, a qual se concentra nos registros poligráficos do sono dos pacientes, os sonhos deste grupo reclamam, para sua análise, que sejam conhecidas as circunstâncias em que são *evocados*.

Arrola-se agora um sonho de P.L. Tissié relatado por Delage (1919):

Nº 9 – Sonho de Tissié:

"Tissié se voit en rêve dans un salon, discutant avec des amateurs la valeur esthétique d'une peinture que lui et deux de ses amis trouvent fort belle, tandis que les autres la trouvent 'bourgeoise'. [Ici, je rends la parole à Tissié:] 'Or, le lendemain matin, ayant complètement oublié ce rêve trop banal pour laisser une trace profonde dans mon espirit, je passais devant un marchand d'estampes et vis à sa vitrine une gravure représentant un jeune femme au sortir de l'église. 'Est-ce assez bourgeois!' dis-je en passant, et aussitôt le souvenir du rêve revient avec une grande intensité, et pendant un instant, je vécus mon rêve, voyant psychiquement, les personnages, la dame et mon ami. L'impression générale que j'éprouvai était celle du rêve et non celle du milieu dans lequel je me trouvais sur la voie publique. Elle fut d'ailleurs de très courte durée." ("Tissié vê-se em sonho em um salão, discutindo com amadores o valor estético de uma pintura que ele e dois de seus amigos acham muito bonita, enquanto os outros a acham 'burguesa'. Ora [é Tissié quem conta], no dia seguinte de manhã, tendo completamente esquecido este sonho muito banal para deixar um traço profundo em meu espírito, eu passava diante de um negociante de gravuras e vi em sua vitrine um quadro representando um jovem esposo abraçando sua jovem mulher ao sair da igreja. 'É muito burguês.', digo para mim mesmo e logo a lembrança do sonho ocorreu com grande intensidade e, durante um instante, vivi meu sonho, vendo psiquicamente os personagens, a mulher e meu amigo. A impressão geral que experimentei era a do sonho e não a situação em que me encontrava no meio da rua. De resto, foi de curta duração.")

Também no relato deste sonho as circunstâncias em que foi *evocado* são descritas pormenorizadamente. À visão do quadro na vitrine, Tissié murmurou ou simplesmente pensou: "É muito burguês", e de súbito o sonho irrompe no painel de sua consciência. Como no sonho do paciente de Kanzer, é evidente que, segundo o paradigma, a *evocação* do sonho teria sido possível graças à extraordinária coincidência:

a) sonhar Tissié com a cena do salão de quadros na qual se tacha de "burguês" um dos quadros em exposição, e

b) vir a encontrar-se na realidade em situação, *em todos os sentidos*, semelhante à do sonho, e usar exatamente a mesma expressão – "É muito burguês" – para denotar a mesma impressão desfavorável que *tivera* no sonho.

O sonho a seguir foi relatado por Freud (1972) e teve como epígrafe "Um sonho premonitório realizado".

Nº 10 – Sonho da rua de Viena:

"*Frau* B., uma respeitável senhora que, além disso, possui senso crítico, contou-me em relação a outra coisa e sem o menor *arrière-pensée*, que um dia, há alguns

anos atrás, havia sonhado que encontrara o Dr. K., um amigo e antigo médico da família, na Kärntnerstrasse, em frente à loja Hiess. Na manhã seguinte, enquanto caminhava pela rua, encontrara de fato a pessoa em questão no mesmo lugar em que havia sonhado. Isso basta para o meu tema. Acrescentarei apenas que nenhum acontecimento subseqüente demonstrou a importância dessa coincidência miraculosa."

Devem ser, ainda, transcritas observações e especulações de Freud ao analisá-lo:

– "O interrogatório (...) estabeleceu o fato de não haver provas de possuir ela lembrança alguma do sonho na manhã seguinte após havê-lo tido."

– "Vendo-o, ficara convencida de que sonhara na noite anterior haver tido aquele *exato* encontro naquele *preciso* lugar" (grifo nosso).

Vejamos, então, como cada um desses autores explica o sonho que relatou.

Kanzer levanta a questão: será que o sonho de F. não é realmente um sonho diurno evocado no momento pelas circunstâncias e experimentado à semelhança do fenômeno do *déjà-vu* como se fosse algo que tivesse ocorrido no passado? Louvando-se em Freud, o próprio Kanzer responde: um estímulo súbito pode deflagrar sonhos diurnos que são experimentados como se fossem sonhos comuns.

Delage teve outra posição: para esse autor o sonho do quadro ocorrera realmente no sono anterior de Tissié. Delage e Tissié estão francamente de acordo. Tissié afirma que não havia pensado nesse sonho não só de manhã, quando despertou, mas também durante o dia até o momento do impacto visual do quadro. Delage pontifica: eis aí um sonho completamente ignorado ao despertar é evocado, horas e horas depois, por uma simples associação de idéias.

Freud segue a mesma tese de Delage: o sonho realmente ocorreu no sono. Para fazê-lo, entretanto, Freud reconhece a "coincidência miraculosa" dos dois eventos: a cena real do encontro na rua "mentada" por *Frau* B. como um sonho e o sonho com a mesma situação, o qual a paciente teria tido na noite anterior. Diante disso, Freud lança mão da hipótese parapsíquica – sonho premonitório: *Frau* B. sonhou realmente com a cena do encontro na rua, e tudo na vida real veio a ocorrer como no sonho.

Em resumo, Kanzer concebe que o sonho de F. ocorreu à semelhança de um sonho diurno, embora, até certo ponto contraditoriamente, afirme que esses sonhos diurnos são experimentados como sonhos *comuns*. Freud e Delage crêem que os sonhos ocorreram no sono e que sua evocação (lembrança) foi motivada pela estimulação (a cena na rua e a visão do quadro na vitrine).

Preliminar mas fundamental é desfazer, desde logo, o possível equívoco de considerar os sonhos deste tipo como exceções ou sonhos raros. Delage (1919), aliás, observou, com propriedade, que a pesquisa ignorou os casos muito numerosos em que a visão de um objeto, uma palavra ouvida, uma idéia qualquer atravessando o espírito, faz deflagrar bruscamente a *lembrança* de um sonho que se teve na noite precedente. A propósito, também deve ser lembrado que a vinculação paradigmática do sonho ao sono levou a pesquisa a concentrar-se no *sono* e no despertar para o estudo do fenômeno onírico. Atualmente a experimentação, com toda a sua parafernália técnica, confinou a pesquisa do sonho virtualmente aos laboratórios e aos pacientes monitorados durante o sono. O resultado dessa postura é o paradigma proscrever do campo da pesquisa virtualmente todos os sonhos não relatados pelos sujeitos ao despertarem no laboratório, mas *lembrados* ao longo da vigília. A estes o paradigma lhes reserva a denominação, até certo ponto equívoca, de anedóticos.

Pode-se afirmar, não obstante, que todos os sonhos *evocados* ao longo da vigília apresentam as mesmas características, de tal maneira que será próprio considerar como representativos os três sonhos aqui relatados.

Conseqüentemente as teorias daqueles autores implicam as seguintes conclusões:

a) os sonhos *evocados* ao longo da vigília não seriam sonhos comuns mas sonhos diurnos e, assim, não teriam ocorrido no sono (Kanzer);

b) todos os sonhos *evocados* ao longo da vigília teriam como explicação ou a milagrosa coincidência ou a premonição (Delage e Freud).

Este artigo rejeita as hipóteses formuladas por esses autores, fundamentando-se nas seguintes razões:

a) é inaceitável supor que todos os sonhos *recordados,* segundo a ótica do paradigma, ao longo da vigília, sejam sonhos diurnos. Se assim fosse, chegaríamos à conclusão sem sentido de que os sonhos de que não nos lembramos é que são os verdadeiros sonhos. Se assim fosse, não saberíamos que sonhamos durante o sono. Além disso, como distinguir os sonhos assim "evocados" dos sonhos do despertar?;

b) é inaceitável admitir que se verifique sempre *coincidência* ao ser *evocado* um sonho ao longo da vigília, a saber, a estimulação deflagradora da "lembrança" ter semelhança ou identidade estreita com o conteúdo do sonho; admitir, como quer Delage, que a visão do quadro na vitrine *associou* o sonho do quadro, será, forçosamente, o mesmo que admitir que a queda da trave na nuca de Maury provocou a *lembrança* do sonho da guilhotina. Puro *nonsense,* pois o sonho de Maury foi a conseqüência do golpe na nuca.

c) é inaceitável a hipótese da premonição, pois seríamos levados a crer que no sonho o paciente de Kanzer teria previsto a cena do alfaiate; no sonho, Tissié teria previsto a cena do atelier e, mais, teria tido a premonição de que iria proferir a mesma exclamação – "Burguês!" –; no sonho, *Frau* B. teria previsto as exatas circunstâncias do encontro na rua de Viena. Em suma, todos os sonhos evocados na vigília seriam premonitórios.

Há, ainda, um argumento que, por si só, invalidaria as hipóteses da coincidência e da premonição. Efetivamente, o fato de que em nenhum caso os sonhos tinham sido *lembrados* antes da situação real da vigília (chegada do alfaiate, quadro na vitrine e encontro na rua) levaria à conclusão insustentável de que também, por coincidência ou premonição, o psiquismo do paciente de Kanzer, o de Tissié e o de *Frau* B. teriam cuidadosamente evitado trazer-lhes à mente desperta da vigília a lembrança dos sonhos, a fim de gratificá-los com a surpresa dos espetáculos parapsíquicos da chegada do alfaiate, da visão do quadro e do encontro na rua. Evidentemente se se tivessem *lembrado* antes, aí sim haveria cabimento para admitir a premonição. O paciente de Kanzer, Tissié e a paciente de Freud não se lembraram dos sonhos porque, simplesmente, não os tiveram no sono. Tiveram-nos, *à l'occasion,* no momento em que a estimulação operou.

A hipótese de Kanzer, embora insustentável, pressupõe, é verdade, a idéia nuclear aqui desenvolvida de que o sonho não ocorreu antes do evento real da vigília – a chegada do alfaiate – mas foi sua conseqüência. Kanzer detectou a natureza do processo onírico segundo as linhas que este artigo está desenvolvendo. Jungido, entretanto, às limitações conceptuais paradigmáticas, foi levado à formulação da hipótese do sonho diurno, de resto hipótese de compromisso à semelhança do

construto da incorporação[3] com que se pretende manter íntegro o paradigma. Registre-se que esse pesquisador se aproximou consideravelmente da ótica deste artigo quando teve o *insight* de considerar o sonho das calças rasgadas, além de outros *evocados* na vigília, como tendo ocorrido de inopino, à semelhança do *déjà-vu*. Lamentavelmente enveredou no caminho da hipótese do sonho diurno em convivência contraditória com o sonho noturno do paradigma.

Neste passo, são trazidos para exame outros sonhos, *evocados* em situação de vigília, por força de estimulação exógena. O primeiro é o de um paciente dos pesquisadores L.F. Spreng et alii (1968). Trata-se de sonho relatado em situação de laboratório, em que se pesquisavam os "correlatos" autônomos dos movimentos dos olhos no período REM.

Nº 11 – Sonho do paciente de Spreng et alii:
"Despertado, o sujeito foi interrogado pelo pesquisador na forma usual: 'Que coisa você viu no sonho?' Ao que lhe respondeu o paciente: 'O senhor; eu estava no sonho olhando exatamente para o seu rosto. Realmente olhando para os seus olhos'."

Ao nos referirmos a este sonho em outro trabalho (Arantes, 1985):
a) consideramos que seria inaceitável supor que o paciente sonhara, no sono, com a situação que se configurou *depois* do despertar;
b) antecipamos a idéia de que, já na vigília do sujeito, a estimulação, isto é, a imagem do pesquisador debruçado sobre o paciente foi a causa do sonho.

Permitimo-nos relatar quatro sonhos de nosso arquivo pessoal:

Nº 12 – Sonho do telefonema:
Certa noite, o sogro de ALP teve de levantar-se para atender a um chamado telefônico: familiares comunicavam-lhe de Recife que seu amigo Fulano tinha falecido. Ao desligar o telefone, visivelmente abalado, comentou com o genro: "Que coisa! Sonhei que ele tinha morrido."

Nº 13 – Sonho da jarra de flores:
A jovem estava sendo apresentada às pessoas da casa a que ia pela primeira vez. Ao deparar com uma jarra de rosas amarelas exclamou: "Que coincidência! Sonhei esta noite com rosas exatamente dessa cor."
Também nestes últimos exemplos não há como admitir que o sogro de ALP e a jovem visitante tivessem realmente sonhado premonitoriamente. Temos de aceitar, ao contrário, que o processo onírico nesses sonhos é absolutamente idêntico ao que foi descrito, no tópico anterior, nos sonhos do tipo Maury guilhotinado. A estimulação foi responsável pelo sonho. Nos exemplos de sonho do despertar (nºs 1 a 7) há um nexo causal manifesto entre a estimulação e o sonho; da mesma maneira, nos sonhos que o paradigma classifica como *lembrados* na vigília, a estimulação *causa* o sonho.

Nº 14 – Sonho do sabonete:
Ao abrir o embrulho do presente que estava recebendo por seu aniversário, ST exclamou: "O perfume é do sabonete X. Estou-me lembrando do sonho que tive à noite com nossa antiga casa da Tijuca. Lá só usávamos este sabonete."

[3] O construto da *incorporação* explica que, nos sonhos do despertador e assemelhados, a estimulação é *incorporada* à seqüência da trama onírica. Assim, por exemplo, Maury estaria realmente sonhando com a Revolução Francesa quando a trave da cama lhe golpeou a nuca, fundindo-se a estimulação com a cena da guilhotina no sonho.

ST inquirido, confirmou: "Realmente a lembrança do sonho foi-me provocada logo que senti o odor do sabonete. Era o aroma do banheiro de nossa antiga casa."

Nº 15 – Sonho do circo:
Ao passar de automóvel por uma estação de trem, LD evocou um sonho no qual assistia a um espetáculo de circo em sua cidade natal no interior.

LD pôde reconstituir pormenorizadamente o contexto no qual lhe ocorreu o sonho. Um agudo e longo apito de trem, ao chegar-lhe aos ouvidos, trouxe-lhe de imediato à mente o quadro ameno de sua vida muitos anos antes. O apito do trem e os espetáculos do circo estavam profundamente entranhados e associados em seu espírito. Eram estímulos que lhe provocaram imediata evocação de sua infância.

Será manifestamente contraditório conceber que:

a) a estimulação provocaria sonhos no despertar como demonstrado (Maury guilhotinado e assemelhados);
b) a estimulação provocaria na vigília *lembranças* de sonhos que teriam ocorrido durante o sono (sonhos *evocados* na vigília).

À semelhança dos sonhos do tipo Maury guilhotinado, os sonhos *evocados* ao longo da vigília em virtude de estímulos exógenos não ocorrem no sono mas têm a sua extrusão à consciência por força de estimulação atual. A *lembrança* (ou evocação) não é lembrança como doutrina o paradigma, mas é o *próprio sonho*.

A hipótese aventada no tópico anterior tem, assim, a sua validade confirmada com a análise dos sonhos que ocorrem ao longo da vigília, em virtude de estimulação exógena.

Neste terceiro grupo analisaremos ainda sonhos do despertar com a diferença de que, enquanto no primeiro grupo o estímulo é externo (trave da cama, grito na rua), neste grupo a estimulação é endógena.

O primeiro será o da paciente de J.A. Hobson et alii (1965), despertada com crise de apnéia. Releva registrar que este sonho foi relatado em laboratório durante experimento no qual o sujeito era monitorado por meio de eletroencefalógrafo e pneumógrafo para registro dos potenciais cerebrais, movimento dos olhos e ritmo da respiração. Despertada ao fim de um período de apnéia que, conforme os registros pneumográficos, durara cerca de 20 segundos, a paciente relatou o seguinte sonho, assim resumido:

Nº 16 – Sonho do estrangulamento:
"A paciente sonhava que, em uma peça teatral, uma pessoa estava sendo estrangulada no momento exato em que o pesquisador a despertou. Acrescentou: 'Eu era a artista que estava sendo estrangulada'."

Buscaremos à *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1972) outro exemplo. Neste caso será conveniente reproduzir algumas observações de Freud ao relatá-lo: "Se eu comer enchovas ou azeitonas ou qualquer outro alimento muito salgado à noite, fico com sede durante a noite, e *esta me despertará*. Porém, meu despertar é *precedido* por um sonho, e isso sempre possui o mesmo conteúdo, a saber, que estou bebendo. Sonho estar engolindo água em grandes goles, com o sabor delicioso que nada pode igualar a não ser água fresca quando se está ressequido de sede. Em seguida acordo e tenho realmente que beber" (grifo nosso). Em síntese, o sonho pode ser assim relatado:

Nº 17 – Sonho da sede:
"Sonhei que bebia água em grandes goles. Despertando, sinto muita sede que me leva a beber água. Lembrei-me, então, que comera à noite enchovas muito salgadas."

Buscou-se o sonho a seguir em nosso arquivo pessoal.

Nº 18 – Sonho da luta de boxe:
"FM sonhava que se exercitava em uma academia de ginástica; convidado a competir com outro atleta em uma luta de boxe, foi logo nos primeiros momentos golpeado violentamente na região do estômago. A dor fê-lo despertar; sentia dores agudas em sua úlcera mal tratada."

Desde logo deve ser apontado que o estilo do relato desses sonhos reflete a concepção do paradigma, a saber, o sonho ocorre no sono, antes, assim, do despertar. No sonho da apnéia a jovem descreve o sonho, relatando "que estava sonhando no momento", etc. No sonho de Freud, o próprio autor afirma que seu despertar "é precedido por um sonho". Da mesma maneira o aprendiz de boxeador não revela dúvidas: sonhava que era golpeado quando acordou, mas ao dizer que a dor o fez acordar, referiu-se paradigmaticamente à dor provocada, no sonho, pelo golpe do contendor.

Julgamos já estar providos de critérios e instrumentos de análise, cristalizados quando tratamos dos sonhos do despertar causados por estímulos exógenos (Maury guilhotinado, grito na rua, etc.) e dos sonhos *evocados* ao longo da vigília, para concluir que os sonhos deste grupo – os do despertar com estímulos endógenos – não diferem dos provocados por estimulação exógena. Realmente, ser despertado por uma dor no estômago equivale, para a possibilidade de extrusão de um sonho, à sensação que se poderia ter com uma estimulação exógena, como, por exemplo, a perna de um dos cônjuges desajeitadamente colocada sobre o diafragma do outro. O sonho da apnéia bem poderia ter sido provocado por uma gola de camisola excessivamente apertada. A *contrario sensu*, o sonho de Maury poderia ter ocorrido mercê de uma crise de artrite nas suas vértebras cervicais.

Em suma, o que deflagra o sonho é a estimulação sensorial, não importando que seja de causa interna ou externa. Não terá, por outro lado, nenhuma consistência o argumento de que, nestes sonhos, a sede, a falta de ar e a dor no estômago teriam sido sentidas *antes* do despertar, podendo, assim, causar o sonho no sono. Aceitar essa argüição importaria conceber contraditoriamente que, nestes sonhos, se configuraria o *modelo* do paradigma – sonho no sono – e somente nos sonhos com estimulação exógena é que teria cabimento a hipótese formulada – sonho na vigília.

Impõe-se reconhecer que, realmente, os sonhos tratados aqui – sonhos do despertar causados por estimulação endógena – não se distinguem dos causados por estimulação exógena. O processo onírico é o mesmo. Maury e Freud, ao despertarem, aquele com a sensação provocada pelo golpe na nuca (exógena), este com a sensação de sede (endógena), tiveram suas mentes ocupadas pela *gestalt* onírica. Não há, assim, margem para recusar a extensão a estes sonhos da hipótese levantada – a de que ocorreram no estado vígil e não preexistiram à sua eclosão.

Neste ponto de sua caminhada *heurística*, este artigo pretende ter chegado, em síntese, à conclusão de que:

a) *sonhos do despertar* causados por estimulação exógena (sonhos nºs 1 a 7 – Maury guilhotinado, *feuerjo*, sonhos de Hildebrandt, sonho do lobo, sonho das metralhadoras);

b) *sonhos evocados na vigília*, em virtude de estimulação exógena (sonhos nºs 8 a 15 – Paciente de Kanzer, Tissié, *Frau* B., paciente de Spreng, telefonema, jarra de flores, sabonete e circo);
c) *sonhos do despertar* causados por estimulação endógena estudados neste tópico (sonhos nºs 16 a 18 – Paciente de Hobson, sede e luta de boxe).

Ocorreram, não no sono, mas na vigília e não preexistiram à sua extrusão à consciência.

Os sonhos até aqui analisados podem ser considerados representativos de massa crítica que justificaria sentirmo-nos encorajados a generalizar a hipótese levantada. Não obstante, iremos analisar ainda o grupo de sonhos *evocados* na vigília por estimulação endógena.

A hipótese formulada nos tópicos anteriores – a de que os sonhos não ocorrem no sono mas na vigília consciente – envolve a noção de que a sua deflagração se deve à estimulação sensorial *atual*. Consideremos, por exemplo, o sonho nº 9, de Tissié, que teve como estímulo deflagrador o quadro na vitrine. Ao vê-lo, Tissié pensou: "Burguês!" e de inopino interpôs-se no caudal de sua consciência a *gestalt* onírica. Em casos como esse – e nessa classe poderiam ser citados numerosíssimos exemplos – há manifesta relação entre o estímulo detonador e o conteúdo do sonho. Assim, o adorno do leito de Maury golpeando-lhe o pescoço e, no sonho, a lâmina terrível a guilhotinar-lhe a cabeça (sonho nº 1); o grito de *feuerjo* realmente proferido na rua por populares e, no sonho, o vozerio insolente dos alunos do compositor (sonho nº 2); a visão das calças trazidas pelo alfaiate e o sonho do paciente com a situação constrangedora em que se encontrou por causa das calças rasgadas (sonho nº 8); as rosas amarelas no jarro e, no sonho, rosas da mesma cor (sonho nº 13).

Observe-se que, embora nesses exemplos se verifique estreita correspondência entre a estimulação e o conteúdo dos sonhos, diferentes são as circunstâncias em que se deflagraram. No sonho de Maury, a queda da trave em sua nuca provoca o despertar com o sonho. Igualmente os gritos de populares na rua, chamando por socorro na iminência de um incêndio, interrompem o sono do compositor e lhe propiciam o sonho de *feuerjo*. Já no de Tissié e no da jovem com as rosas, a estimulação – quadro na vitrine e jarro de flores – ocorre em situação de vigília plena. Por sua vez o sonho do paciente de Kanzer (sonho nº 8) ocorreu pouco depois do despertar na situação que esse autor chama de ação automática (lavar-se, barbear-se, vestir-se, etc.).

Temos por indiscutível que a característica comum dos sonhos é a de serem provocados por uma estimulação sensorial atual. Mas a observação dos sonhos, ainda que atenta, poderia levar à conclusão de que seriam provocados sempre por estimulações sensoriais diretas e imediatas, como nos casos acima mencionados, as quais guardariam identidade com o conteúdo do sonho, a saber: golpe/guilhotina, quadro/quadro, flores/flores, etc. Essa conclusão seria equivocada. Ao contrário, em muitas ocasiões, os sonhos se deflagram sem vinculação aparente a qualquer estimulação atual; são os que mascaram ao extremo o processo onírico e muito contribuíram para que pesquisadores e filósofos se tresmalhassem nos descaminhos conceptuais do paradigma.

Abre-se espaço aqui para o relato dos primeiros exemplos de sonhos deste grupo. Observe-se que a literatura do paradigma, ao registrar sonhos deste tipo, rotula-os sistematicamente como sonhos espontaneamente *evocados*, deixando de explicitar o que esta pesquisa considera essencial para o correto equacionamento do processo onírico, a saber, as circunstâncias ambientais (e mentais, como será exposto a seguir) em que se verificou a *evocação* do sonho.

Os sonhos agora relatados são de nosso arquivo pessoal.

Nº 19 – Sonho do desastre de avião:
Durante o seu café da manhã, JB dava curso ao desfilar de imagens e idéias, quando *evocou* o sonho em que assistia no aeroporto a desastre de avião.

Inteiramente identificado com o paradigma, comungando, assim, da noção de que os sonhos ocorrem no sono e são lembrados ao longo da vigília, JB, interrogado sobre o sonho, explicou: "Conversávamos sobre a qualidade do queijo e daí entrei a refletir sobre os progressos da indústria do queijo no Brasil; imagens várias desfilaram em minha mente – fazendas de gado leiteiro, queijo *roquefort*, Normandia, França, viagem, avião. Foi justamente no momento em que se desenhou em minha mente a imagem do avião que me *lembrei* do sonho do desastre no aeroporto."

Nº 20 – Sonho da conferência:
Encontrava-me – diz ES – examinando documentação do imposto de renda quando me veio à mente a *lembrança* de sonho que tivera: sonhara que proferia uma conferência sobre energia atômica usando grandes telões com fórmulas matemáticas ilustrativas.

ES tinha a mesma postura paradigmática de JB quanto à natureza do sonho. Desenvolvera, entretanto, o hábito de pesquisar o seu caudal de idéias associadas para detectar o que considerava o elo causador da *lembrança* dos sonhos. Sua explicação foi esta: "O tema *imposto de renda* associou-me a idéia de aumentar meus rendimentos; esta, a de ampliar meus conhecimentos; sucessivamente pensei em ciência moderna, computadores, ciência atômica. Creio que foi ao pensar em átomo que me lembrei do sonho."

O paradigma, com a postura que lhe impôs sua base conceptual – sono/sonho – jamais incluiria em sua pauta de indagações o exame do contexto em que esses sonhos foram *evocados*. Por escamotearem, entretanto, o mecanismo de sua produção, sonhos desse tipo oferecem, por isso mesmo, na perspectiva desta pesquisa, valioso suporte para a validação da hipótese formulada.

No sonho de Tissié, por exemplo, foi o quadro na vitrine que lhe provocou o sonho mas, nesta mesma situação, se a idéia de "burguês!" não tivesse ocupado seu *écran* mental, Tissié poderia ter continuado o passeio e, momentos depois, um sonho poderia ter-se estruturado em sua consciência pela força onirogênica de um elo da cadeia de idéias iniciada pela visão do quadro. Foi exatamente o que ocorreu com JB (sonho do desastre do avião) e com ES (sonho da conferência). A imagem do queijo foi o ponto de partida para o desfilar de idéias, a última das quais – *o avião* – exerceu ação onirogênica e JB *sonhou* com o desastre. ES em seu devaneio chegou à imagem do *átomo* e então se viu em sonho proferindo conferência sobre energia nuclear.

Em que pese à sua aparência de lembrança, todos os sonhos *evocados* ao longo da vigília ocorrem no momento de sua *evocação*, como de resto, aliás, todos os sonhos. Assim, se no figurino do paradigma, ou no "jogo da linguagem", na expressão de Wittgenstein, digo que, ao ver o gato, me *lembrei* do sonho com o gato siamês, isso significa exatamente: ao ver o gato, meu psiquismo a nível inconsciente respondeu ao estímulo, forjando, de imediato, uma estrutura onírica que eclode na consciência e tem esta característica – a de afigurar-se como *havendo ocorrido* durante o sono. Igualmente, também posso sonhar com o gato siamês, sem que seja necessário estimular-me visualmente com o gato, ou ouvir o seu mia-

do ou sentir, com desagrado, os efeitos de suas impudências no sofá. Se no desfilar ideativo de minha mente, aparece a imagem do gato, o *estímulo mental* – pensar no gato – pode deflagrar um sonho com o gato siamês. Em suma, a imagem mental do gato pode constituir-se no estímulo ou excitação a que reage meu psiquismo com o sonho. Essa, a forma sumária de descrever o processo. Em verdade, os esquemas da seqüência ideativa, como de forma singela está descrita nos dois sonhos aqui relatados, não operam com essa simplicidade. As associações que trazem, para o centro do *écran* mental, a imagem ou idéia responsável pela extrusão do sonho refletem as vivências e estilos pessoais do sujeito, os quais se registram e organizam em complexíssima rede de conexões de tal maneira que só o próprio sujeito pode detectá-las, quando pode. Ainda esquematicamente seriam descritas assim as conexões engramáticas: a imagem do gato pode associar, por exemplo, o cão (antítese), a África (animais), o tapete (pêlo macio), Bela Lugosi (olhar felino), a esmeralda (o verde), assim, *ad infinitum*, e vice-versa. Em verdade, a imagem do gato pode levar a associações imprevisíveis da mesma maneira que estímulos quaisquer que sejam podem fazer encadear idéias e imagens, a última das quais causa o sonho – tudo em função das vivências de cada um.

Fundamental neste passo será, em suma, enfatizar que o que determina a extrusão do sonho é a imagem ou idéia que ocupa a mente, quer em conseqüência da estimulação imediata, quer como resultado de associação de idéias. Não se detectará a estimulação responsável pela ocorrência do sonho apenas nas circunstâncias ambientais, mas no processo ideativo conseqüente. Dizer que tal estímulo deflagra tal sonho será, pois, mera figura de linguagem. Talvez seja cabível conceber que se opere, a nível não-consciente, uma *apercepção* do estímulo – idéia ou imagem – que ocupou o painel da mente, ao qual aquela instância reage regurgitando estrutura engramática, isto é, o sonho, às clareiras da consciência.[4]

Daí não ser difícil compreender que um sonho ocorra normalmente em certos momentos da vigília, sem que prontamente se possa detectar a estimulação que o provocou, imediata ou mediatamente. O comum, entretanto, é o próprio sujeito não saber o que o fez *lembrar-se* do sonho. Inadimissível, na concepção deste artigo, será crer que o sonho foi *evocado* espontaneamente, como doutrina o paradigma.

Passo conceptual decisivo na construção da hipótese foi o de ver o sonho, não como produção do sono ou fenômeno exclusivo do despertar – isto é, da transição sono/vigília (sonhos hipnopômpicos) –, mas como evento psíquico, alucinatório, que ocorre na vigília, e *a partir do despertar*. Os sonhos são realmente privilégio da vigília, emergente no despertar ou plena ao longo do dia. A condição *sine qua non* para o espocar dos sonhos é a consciência, o que importa dizer, a vigília. E é no painel da consciência que se há de encontrar o estímulo, mental obviamente, responsável pela extrusão do sonho. Por isso, para provocá-lo no despertar, tanto faz que a estimulação sensorial seja a dor de uma angina do peito (endógena), ou a dor resultante de uma pancada no músculo peitoral (exógena). Da mesma maneira, um sonho da vigília plena pode ser ocasionado pela visão das flores no jarro (sonho nº 13), isto é, visão real do objeto, tanto quanto pela imagem mental do avião (sonho nº 19). Num caso e noutro o que conta é a *imagem* mental, é o conteúdo da mentação.

Após essas reflexões, voltemos ao exame de outro sonho de nosso arquivo pessoal.

[4] Não seria impróprio, assim, conceber os sonhos como eructações do arquicórtex.

Nº 21 – Sonho do menino negro:
Achando-se no banheiro, ocupado nas abluções matutinas, JMA sonhou que um menino negro lhe dirigia a palavra, chamando-o de *você*. JMA manifestou seu desagrado e verberou a atitude do menino.

Desvinculado este sonho de seu contexto, ambiental e mental, será impossível detectar a estimulação atual que o provocou. Mas JMA esclareceu:

a) que o sonho eclodiu no momento em que examinava, ao espelho, as marcas em seu rosto, resultantes da extirpação de verrugas, feitas por médico, semanas antes;
b) que refletindo sobre a relação entre as verrugas e o sonho, teve presentes dois fatos: 1) Na consulta, o médico o advertira dos perigos que para a pele podia trazer uma exposição prolongada ao sol; nessa oportunidade o médico comentara que os indivíduos de raça negra estão livres desse risco. 2) em reunião social posterior, encontrou-se com o médico que o tratou amigável e cordialmente de *você*; lembra-se JMA de que a princípio não recebeu bem essa informalidade.

A esta altura esperamos que esse sonho, sem prejuízo das possíveis interpretações de interesse da psicanálise, possa ter facilmente explicada a sua eclosão. JMA sonhou-o exatamente no momento em que examinava as marcas de suas incômodas verrugas. A imagem mental "verrugas" foi responsável pela extrusão da *gestalt* onírica à tela de sua consciência. O quadro do sonho – isto é, o seu conteúdo manifesto – propiciou ao consciente a história do menino negro codificada com elementos vivenciais de JMA. Este sonho, o do desastre no aeroporto e o da conferência, relatados anteriormente, não se distinguem dos demais analisados neste artigo. Têm a sua extrusão, durante a vigília, por força de estimulação mental atual (as imagens do avião, do átomo e das verrugas) e não preexistiram à sua eclosão.

O exame dos sonhos *evocados* durante a vigília em virtude de estimulação *endógena* (estímulo mental) vem confirmar plenamente a validade da hipótese que ao longo desta pesquisa foi sendo formulada – de que os sonhos não ocorrem no sono mas têm a sua extrusão à consciência por força de estimulação atual, isto é, na vigília.

A hipótese deste estudo – a de que os sonhos não ocorrem no sono – conduz à formulação, entre numerosas outras, das seguintes proposições: a) o sonho é estrutura que irrompe de inopino no painel da consciência; b) os termos do discurso onírico organizam-se *à l'occasion*.

Das questões do elenco variado que a hipótese há de suscitar, duas serão aqui objeto de especulação – a do sonho como estrutura e a de sua duração.

Mentado gestalticamente, isto é, como totalidade não-somativa, o sonho distingue-se de sua trama, isto é, suas imagens, cenas e peripécias. Como discurso, o sonho estrutura-se inteiriço na consciência e só se fragmenta se sua trama é relatada contingenciando-se à linearidade da linguagem. Somente assim, quando o sonho é relatado, os lances de sua trama desfilam no tempo, têm duração. A duração – não é demais repetir – foi da história do sonho e não do sonho que espoca virtualmente acrônico à maneira de quadro taquistoscopicamente percebido. Destarte, a postura mental de quem acaba de sonhar ao dirigir sua atenção e interesse para o conteúdo do sonho é que envolve tempo, embora tempo subjetivo. Refletir a pessoa sobre o que sonhou é relatar para si própria a trama onírica que se apresentou no sonho, fazendo-o obviamente no tempo. Assim, relatar, via reflexão para si própria ou fazê-lo para um ouvinte, importa animar as imagens do quadro onírico dando-lhe movimento (mobilidade=tempo) na forma de lances e peripécias. Logo

que se desenha na mente, o sonho já pertence ao passado. E mais, a partir de sua eclosão, o sonho já não é o sonho *qua* sonho, na medida em que passa incontinenti ao domínio da consciência. Ao sonho o conceito de presente especioso poderia aplicar-se à feição. O sonho, como sonho, dentro das linhas conceptuais deste artigo, seria apenas a fulguração taquistoscópica do quadro no *écran* da consciência. Poderia ser entendido como um momento fugaz da consciência – se não fosse impróprio dizê-lo (Schiller, F, 1952) – no qual, e não durante o qual, o quadro onírico tem a sua extrusão no caudal ideativo da mente, inaugurando-o, quando ocorre nas primícias da vigília, ou seccionando-o se eclode na vida desperta. Não seria, assim, desarrazoado admitir que essa característica do sonho – a de ser fulguração instantânea na tela da consciência – seja a causa da fragmentação ou esquecimento do seu conteúdo quando desejamos relatá-lo ou simplesmente evocá-lo. O tempo de sua "exposição" à consciência pode não ser suficiente para permitir a consolidação da memória de seu discurso.

Com base nessas proposições e reflexões, afigura-se inimaginável mensurar a duração dos sonhos. No sonho de Tissié, por exemplo, (sonho nº 9), à vista do quadro na vitrine, Tissié pensou: "É muito burguês!"; e, de imediato, o sonho ocorreu em sua mente. Ocupando-se, então, sua consciência em *relatar* seu conteúdo, as imagens do sonho movimentaram-se e transfiguraram-se na *história* do salão de pintura. Mas, ao inserir-se no painel de sua consciência, o quadro onírico projetou-se estático, integrado, instantâneo. A consciência de Tissié recebeu passivamente o sonho mas entrou, reativamente, a vivê-lo em seus lances e peripécias. A duração não foi do sonho mas de sua trama.

Examinemos outros sonhos à luz dessas proposições. Consideremos, por exemplo, o sonho de FREUD (1972) limitado a uma só palavra – *Autodidasker*, e o sonho de Maury (sonho nº 1) opulentamente tecido de lances cheios de aventuras. Ao eclodirem no painel da consciência, esses sonhos, como estruturas, tiveram a mesma duração de virtual instantaneidade. Em compensação, para relatá-los, isto é, contar o seu enredo, através da linearidade da linguagem, Freud é brevíssimo, enquanto Maury nos prende a atenção por uns bons largos minutos.

A literatura especializada oferece exemplos excelentes de sonhos cuja trama demandaria horas e horas para ser relatada. Um dos mais citados é o de MacNish (apud Delage, 1919) que, em seu sonho, viaja da Inglaterra a Calcutá e volta pelo Egito, onde tem oportunidade de avistar-se com Muhamad-Ali, Cleópatra e Alexandre Magno. Valerá citar o sonho da novela de ficção *O terceiro milênio – Um sonho no espaço* de J.M. Doménech T. (1972), que pode ser assim resumido:

Nº 22 – Um sonho no espaço:
Uma nave espacial empreendeu uma viagem que durou mil anos, voltando à Terra depois de visitar os planetas do sistema solar e algumas distantes estrelas; o astronauta, herói da aventura, recebido com a tripulação festivamente na terra, estava reclinado em colóquio amoroso com sua amável anfitriã quando, nesse doce enlevo, despertou: sua cadelinha lhe lambia o rosto e aos seus ouvidos chegava pelos auto-falantes a voz do comandante que anunciava a partida do vôo que *iam* fazer. Tudo fora um sonho.

Ainda que objeto de ficção científica, esse sonho é formoso e precioso exemplo para ilustrar o tema e demonstra que o autor da novela, sobre ser competente cientista, captou a natureza do processo onírico exatamente como se desenvolve segundo as linhas conceptuais desta pesquisa. Em tese, os mil anos apresentaram-se empacotados na tela da consciência do astronauta.

É ainda Delage (1919) que nos proporciona outro exemplo. É o sonho de Bonjour. Eis um resumo desse sonho, como relatado:

Nº 23 – Sonho de Bonjour:
Nos bastidores do teatro, Bonjour adormece no momento em que a cortina se levantava para o início da representação de peça sua. Sonha então que vê passar sob seus olhos os cinco atos da peça e a assistência aplaudi-lo entusiasticamente. Desperta e verifica, decepcionado, que os atores começavam a recitar os primeiros versos do primeiro ato.

As conclusões desta pesquisa repelem frontalmente a noção de que o sonho, isto é a sua trama, tenha transcorrido durante os poucos instantes em que Bonjour dormia. Eclodiu, sim, ao estimular-se sua mente desperta com a visão da cena do palco. Como quadro projetado à tela da consciência de Bonjour, o sonho não teve duração mensurável, mas sua trama – os cinco atos da peça, de resto obviamente conhecidos de seu próprio autor, cena por cena – exigiria horas para ser relatada.

Sumariando

Para fins de pesquisa, os sonhos foram distribuídos nos seguintes grupos:
a) sonhos do despertar, causados por estimulação exógena (sonhos nºs 1 a 7);
b) sonhos da vigília, causados por estimulação exógena (sonhos nºs 8 a 15);
c) sonhos do despertar, causados por estimulação endógena (sonhos nºs 16 a 18), e
d) sonhos da vigília, causados por estimulação endógena (sonhos nºs 19 a 21).

Ao estudar os sonhos do primeiro grupo (grupo *a*) pudemos demonstrar que os fatos observáveis levaram necessariamente à conclusão de que tais sonhos não antecederam à estimulação. Conjecturamos, ainda, nesse passo, que esses sonhos irrompem bruscamente à consciência e têm a sua extrusão causada pela estimulação externa atual. Como corolário, introduzimos a distinção entre o sonho e sua trama. No sonho, por exemplo, de Maury guilhotinado (sonho nº 1) o *sonho* é causado pela queda da trave mas a sua *trama* (lances e peripécias) termina com a cena da guilhotina. A organização dos elementos constitutivos da trama operou-se *à l'occasion*. A hipótese assim formulada passou a ser testada com os sonhos dos demais grupos.

Os sonhos do segundo grupo (grupo *b*) – que, na concepção do paradigma, se *evocam* durante a vida desperta em virtude de estimulação externa – reclamaram novo estilo em seu relato. Em todos eles se descrevem as circunstâncias em que são *evocados*. O paradigma, ao fazê-lo, é levado pela crença de que a estimulação da vigília provoca a *lembrança* do sonho. À semelhança dos do primeiro grupo – sonhos do tipo Maury guilhotinado –, sua análise tornou evidente que também não ocorreram no sono mas tiveram sua eclosão por força de estimulação atual. A hipótese aventada teve nestes sonhos sua validade confirmada. Enunciou-se, então, um segundo corolário da hipótese – a lembrança do sonho, como doutrina o paradigma, não é lembrança mas é o próprio sonho.

Já bem plantada a hipótese nesses dois primeiros tópicos, aplicou-se a pesquisa a examinar os sonhos do despertar em virtude de estimulação endógena (sonhos do grupo *c*).[5] Tornou-se patente que tais sonhos não se diferenciam dos sonhos do

[5] Os sonhos do tipo pesadelo, sonhos de angústia, sonhos eróticos, sonhos que provocam o despertar (na concepção tradicional do paradigma), etc. serão estudados em outra oportunidade. A hipótese aventada neste artigo explicá-los-á consistentemente.

tipo despertador, isto é, com estimulação exógena, e igualmente espocam já no estado vígil em virtude da estimulação atual, no caso endógena.

No último grupo de sonhos (grupo *d*) – os que se deflagram na vigília por força de estimulação endógena – a pesquisa deu ainda passos decisivos em sua caminhada *heurística*. Na análise desses sonhos, emergiu a noção de estimulação *mental*. Os exemplos de sonhos revelaram que o estímulo responsável pela extrusão dos sonhos é, em última análise, a imagem mental, quer quando provocada pela estimulação externa, quer quando se desenha na mente, no incessante desfilar ideativo.

Demonstrada a validez da hipótese, que se foi consubstanciando ao longo desta pesquisa, passamos a tecer considerações, com o caráter de reflexões e especulações, sobre a natureza do sonho como estrutura mentada gestalticamente, isto é, como entidade não-somativa. Nessa perspectiva, o sonho *qua* sonho não tem duração mensurável, distinguindo-se de sua trama constituída de cenas e peripécias que se movimentam no tempo subjetivo. O sonho ocorre; sua trama transcorre.

A hipótese passa a constituir *tese* que se enuncia nos seguintes termos: O sonho é fenômeno da vigília. Poderá ser conceituado com extrusão, às clareiras da consciência, de estrutura engramática tecida *à l'occasion*, por força de estimulação atual. O que o paradigma considera lembrança do sonho é o próprio sonho.

Abstract

The author has researched on the oniric process in order to discuss the consistency of the commonplace notion that dreams take place during the state of sleep. By analyzing wakening dreams and dreams that, according to normal science, are remembered in wakefulness, the author comes to believe that he has reached conclusive results to demonstrate his hypothesis that dream is an event of wakefulness.

Referências bibliográficas

Arantes, J.M. O sonho – Inconsistências e falácias do paradigma. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, *37*(1):49-58, 1985.

Bachelard, G. *Epistemologia*. Trechos escolhidos por Domenique Lecour. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

Delage, Y. *Le rêve*. Paris, Les Presses Universitaires de France, 1919.

Doménech, T., J.M. *O terceiro milênio*. Petrópolis, Vozes, 1972.

Freud, S. *A interpretação de sonhos*. Edição *standard*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v. 4 e 5.

Hobson, J.A.; Goldfrank, F. & Snyder, F. Respiration and mental activity in sleep. *J. Psychiat. Res.* (3):79-90, 1965.

Kanzer, M. The Recollection of the forgotten dream. *J. Hillside Hosp.*, (8):74-85, 1959.

Kuhn, T. *The structure of scientific revolutions*. Chicago, University of Chicago Press, 1962.

Schiller, F. Consciousness reconsidered. *Arch. Neurorol Psychiat., 67*:199-227, 1952.

Spreng, L.F.; Johnson, L.C. & Lubin, A. Autonomic correlates of eye movemente bursts during stage REM sleep. *Psychophysiology, 43:*311-23, 1968.

Wittgenstein, L. *Philosophical investigations*. New York, Blackwell Oxford, Macmillan, 1953.